

A EXPANSÃO DO CAPITAL ERVATEIRO E O MODO *FAXINALENSE* DE PRODUÇÃO NO MUNICÍPIO DE REBOUÇAS – ESTADO DO PARANÁ¹

Marcelo Barreto²

Cicilian Luiza Löwen Sahr³

1. Introdução

A erva-mate é uma planta cuja ocorrência se dá principalmente na região Sul do país, ocupando parte dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, onde as condições climáticas são favoráveis ao seu crescimento. O ambiente onde a erva-mate se desenvolve com maior êxito é no sub-bosque da *Floresta Ombrófia Mista* (Floresta com Araucária) devido ao fato de ser uma espécie que não pode ficar muito exposta ao sol.

Nestas regiões ervateiras desenvolveu-se uma forma de organização camponesa diferenciada: o Faxinal. A estrutura fundiária e de uso da terra nestas comunidades é bastante singular. Nos Faxinais as terras dividem-se entre os *criadouros comunitários*, que são áreas de criar de uso comum, e *as terras de plantar*, que são cultivadas individualmente (**Foto 01**).

FOTO 01 – Vista das *terras de plantar* (ao fundo) no Faxinal *Marmeleiro de Cima*.



Fonte: Acervo do autor, 2006.

Nos criadouros comunitários não existem cercas internas e o uso é comum, apesar destes se constituírem de propriedades particulares contíguas. Os animais pertencentes às famílias faxinalenses são criados livremente nesta área, buscando seu alimento na Floresta com Araucária. É, portanto, nos criadouros comunitários que se encontram os ervais nativos, junto de outras espécies vegetais. As terras de plantar constituem porções onde se plantam alimentos para a subsistência, e em alguns casos para o mercado local/regional. Elas encontram-se separadas dos criadouros por meio de cercas ou valos.

Atualmente os ervais nativos, conhecidos como *crioulos*, apresentam ocorrência bastante reduzida se comparada com épocas anteriores, como há meio século atrás. Isso se deve ao fato de que, além de a Floresta com Araucária ter reduzido sua área pela intervenção humana, muito pouco tem sido feito para preservar a erva-mate como espécie nativa, mesmo sendo ela fonte de renda para os camponeses que as possuem em suas propriedades. Outro fator importante que vem levando ao seu desaparecimento é a pressão das indústrias ervateiras para que se faça a poda fora das épocas convencionais e com que esta seja mais freqüente. Todavia, paralelamente a redução dos ervais nativos na região, vem aumentando gradativamente as áreas de ervais plantados.

A redução dos ervais nativos ocorre concomitantemente à redução das comunidades de Faxinais, estas já chegaram a ocupar praticamente toda a região da Floresta com Araucária no início do século XX, eram 121 em 1994, sendo atualmente restritas a 44 comunidades (MARQUES, 2004 p. 09). Algumas destas comunidades, entretanto, já perderam a tradição com a erva-mate. Este estudo busca analisar a articulação entre a expansão do capital ervateiro e a reestruturação dos Faxinais.

Num primeiro momento as reflexões giram em torno de duas lógicas: a da indústria capitalista e a camponesa dos Faxinais. Num segundo momento apresenta-se um panorama da extração e beneficiamento da erva mate no Paraná desde os seus primórdios. Na seqüência se delinea a organização produtiva da erva mate na indústria e nos Faxinais. Por fim avalia-se a relação indústria-faxinal na região de Rebouças, sobretudo, no Faxinal *Marmeleiro de Cima*.

2. A Lógica Capitalista da Indústria e a Lógica Camponesa dos Faxinais

Muitas são as discussões a respeito do avanço do capitalismo no campo. Autores como Ariovaldo Umbelino de Oliveira e José de Souza Martins defendem que neste processo os capitalistas se apropriam da força de trabalho camponesa, mas não necessariamente causam a sua dissolução. Desta forma, os camponeses aparecem inseridos no sistema, porém se reproduzindo como camponeses e não como capitalistas.

Conforme proposto por Oliveira (1999, p. 77), a compreensão da agricultura brasileira se faz levando em conta que o desenvolvimento do capitalismo acontece de forma *desigual e contraditória*, ou seja, enquanto o modo de produção capitalista avança no campo produzindo relações puramente capitalistas, como o trabalho assalariado, desenvolve também *contraditoriamente* relações não-capitalistas de produção como no caso dos camponeses. Assim, o fruto do trabalho dos camponeses é convertido em mercadoria e esta, posteriormente, ao ser beneficiada e vendida, é convertida em dinheiro. A renda da terra, extraída na forma de mercadoria, vai para as mãos de quem a transforma, não de quem a produz, que depois a converte em capital.

Igualmente, Martins (1996) coloca o modo de produção como uma forma de explicar o movimento da sociedade dentro do seu processo produtivo. O modo de produção é um meio e

não um fim, ele explica a forma como uma determinada sociedade se organiza através de um processo histórico. Assim, a concepção de modo de produção associa-se ao:

...modo historicamente determinado de exploração da força de trabalho no processo de produção, no qual são produzidas também as relações sociais fundamentais de uma sociedade. Quando ele (Marx) se refere a modo de produção camponês, por exemplo, está se referindo ao processo camponês de trabalho, que não exclui a sujeição do trabalho camponês ao capital, fato que não deveria ser perdido de vista diante de um estudo sobre a produção do capital e sobre a sua reprodução capitalista. (MARTINS,1996, pp. 1-2)

Dessa forma, se de um lado temos a indústria ervateira fazendo parte de um modelo competitivo de mercado, regido por oscilações de preços e a incorporação cada vez mais de novos produtos à sua linha de produção. Do outro lado dessa relação, onde encontram-se os pequenos produtores rurais, estão os faxinalenses que reproduzem relações camponesas. Os faxinalenses não parecem estar interessados em produzir para o mercado visando o lucro na forma capitalista, muito menos em se tornarem competitivos.

A lógica social e o trabalho dos faxinalenses associam-se a uma *ordem moral* apontada por Bombardi (2003, p.116):

A ordem moral está associada a uma sociedade em que os indivíduos não são concebidos separadamente, em que fazem parte de um todo e, este, igualmente também não é concebido como a soma de cada indivíduo, mas, ao contrário, pela relação que se estabelece entre todos os membros que o formam.

Embora a erva mate esteja presente em ambas as relações de produção, capitalista e não capitalista (industrial e faxinalense), esta se transforma em capital apenas para o primeiro.

3. A Extração e o Beneficiamento da Erva-mate no Paraná no Século XIX

Antes do auge da produção da erva-mate, que foi de 1855 a 1928, o Paraná contou com dois períodos significativos que propiciaram o estabelecimento de núcleos populacionais e a consolidação de redes de relações e infra-estruturas internas. Foram elas a mineração e a pecuária (tropeirismo). Ambas atividades formaram o *pano de chão* para que a existente indústria do mate pudesse ampliar e promover a estruturação de uma economia calcada em bases locais.

Oriunda de recursos provenientes da mineração e da pecuária, a intensificação da atividade de extração e beneficiamento da erva-mate no Paraná desenvolveu-se voltada ao abastecimento do mercado platino. Conforme descreve Ianni (1988, pp. 87-88),

...a economia do mate foi um sistema organizado para produzir para os mercados externos. Esse setor da produção foi vinculado profundamente aos fatores econômicos e humanos da própria zona. Em lugar de ligar-se a capitais estranhos à região ou ao país, o processo de coleta, beneficiamento, e exportação da congonha (mate), estruturou-se paulatinamente com fatores deslocados de outros setores da economia regional, ou com capitais oriundos da intensificação das rendas no mesmo setor.

Dessa forma, a economia do mate abriu caminho para investimentos em infra-estrutura no Paraná, como a construção da Estrada de Ferro Curitiba – Paranaguá, para levar o produto em quantidades maiores até o porto, e também a Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande que passava pelas regiões produtoras. Também a transformação do Rio Iguaçu em hidrovía foi resultado deste processo (URBAN, 1998; LANGUE, 2005).

A urbanização de Curitiba também esteve ligada à concentração dos engenhos de erva-mate. Os engenhos que se instalaram nos arredores da capital incorporaram inovações tecnológicas como a utilização da força hidráulica e a vapor na moagem da erva. Este fato possibilitou que uma rede manufatureira e de serviços também se desenvolvesse em Curitiba para atender às necessidades dos engenhos e também contribuiu para a dissolução de relações baseadas na força de trabalho escrava (IANNI, 1988 pp. 57-58).

Entre as causas que levaram a transferência da força de trabalho escrava para a livre no Paraná está a substituição da força humana pela força mecânica no interior dos engenhos de mate. Naquele momento, o próprio empresário percebera que o investimento em escravos se tornava muitas vezes oneroso frente à rentabilidade que ele poderia obter com a mão-de-obra assalariada.

Outro fator importante que contribuiu não só para esta transferência, mas também para a reordenação da organização social e produtiva, principalmente no interior do Paraná, foi a intensificação da imigração européia que se iniciou no fim do século XIX. Ianni (1988, pp. 88-89) descreve que,

apoiado na utilização da força de trabalho escravo, esse setor da produção terá delineado a nova configuração da estrutura econômica, onde os homens são reordenados socialmente de outro modo, divididos em proprietários de meio de produção e trabalhadores livres. Mas outro fenômeno estava ocorrendo na comunidade [...] o fenômeno da colonização da Província do Paraná não envolveu apenas as regiões onde a economia e a sociedade não havia ainda lançado as suas raízes. É um processo amplo e complexo que alcançou não apenas aquelas áreas como também comunidades preexistentes, onde os grupos estrangeiros

se localizaram promovendo modificações na estrutura econômica, na composição demográfica e no mundo social cada vez mais diversificado.

Estes imigrantes, entretanto, na sua maioria, não se ajustaram ao modelo típico do capitalismo que é assentado na divisão entre os detentores do capital e os detentores da força de trabalho. Eles se tornaram pequenos proprietários de terra, reproduziram relações camponesas de produção e dedicaram-se, entre outras atividades, a poda e o cancheamento da erva-mate desenvolvida nos Faxinais.

4. Organização Produtiva da Erva-mate: o Faxinal e a Indústria Ervateira

A produção da erva-mate é destinada ao consumo tanto na forma de chimarrão como de chá mate. Ela apresenta-se sub-dividida em três fases: poda, beneficiamento primário (sapeco e cancheamento) e beneficiamento final (moagem e acondicionamento).

Conforme observado no trabalho de campo, a poda da erva mate, para a extração da folha verde, é comumente realizada no final do inverno, durante os meses de agosto a outubro. Este período é o mais indicado por dois motivos. Primeiramente porque a planta se encontra em *repouso* durante o inverno, o que não provoca tanta agressão à árvore quando se faz uma intervenção desta ordem. Segundo, porque a erva-mate não tolera o frio em quantidades excessivas, precisando sempre das folhas para proteger seus galhos dos ventos e das baixas temperaturas. O período de espera entre uma poda e outra é de três anos, até que a árvore constitua quantidade suficiente de folhas para uma nova poda. Em alguns casos, quando esta é feita de forma errada ou em períodos desfavoráveis, este tempo de espera pode passar de três para cinco anos ou até ocasionar na morte da planta.

Nas comunidades faxinalenses a poda foi tradicionalmente realizada através de um trabalho coletivo conhecido como *puxirão*, em que todos se ajudavam nas tarefas. As safras da ervamate eram sempre generosas e os períodos de colheita eram marcados por festas tradicionais. Atualmente, conforme observações de campo, a poda nos Faxinais vem sendo realizada pelos próprios funcionários das indústrias ervateiras ou por pessoas contratadas pelos atravessadores que compram a erva dos próprios faxinalenses.

Depois de podadas, as folhas são ensacadas e encaminhadas às indústrias onde passam pelo beneficiamento primário que consiste no sapeco (secagem) e no cancheamento (trituração). Nos tempos em que se realizavam os *puxirões*, o beneficiamento primário era feito artesanalmente, no interior de pequenas edificações que se localizavam junto aos faxinalenses conhecidas como Barbaquás (**Foto 02**).

FOTO 02 – Foto do barbaquá localizado no Faxinal *Marmeleiro de Baixo*.



Fonte: Acervo do autor, 2006.

Estas edificações são compostas pelo carijo, onde se faz o sapeco e pela cancha, onde as folhas são trituradas (**Foto 03**).

FOTO 03 – Imagem da cancha, onde a erva é triturada.



Fonte: Acervo do autor, 2006.

Devido ao incremento da atividade industrial de sapeco e cancheamento, a preferência dada aos equipamentos industriais para o beneficiamento primário e investimentos de capital por parte de algumas empresas neste setor, muitos Barbaquás tem se tornado obsoletos para este fim, o que tem levado ao gradativo processo de desaparecimento destes.

A última etapa de beneficiamento é marcada por uma atividade puramente industrial, que envolve toda uma linha de produção. Através da transformação industrial, a erva cancheada é então moída, embalada e destinada para o consumo.

5. A relação Indústria-Faxinal na região de Rebouças

A mesoregião Sudeste Paranaense abriga grande parte dos estabelecimentos industriais que beneficiam a erva-mate no Estado do Paraná (IPEA et al, 2000). Seus portes são bastante variados. Conforme verificado nos municípios de Irati, São Mateus do Sul e Rebouças, por exemplo, existem desde fábricas que realizam apenas o beneficiamento primário até grandes empresas cuja linha de produção engloba todas as etapas do sistema, desde a poda até a expedição do produto embalado.

A *Indústria de Mate Glória*, cujo processo de secagem aparece na **Foto 04**, possui um estabelecimento situado no trevo de acesso ao município de Rebouças. É uma empresa de pequeno porte que iniciou suas atividades com parte dos recursos oriundos da prefeitura municipal no ano de 2001. Emprega ao todo dez funcionários registrados, entre o administrativo e o produtivo. A empresa não realiza o beneficiamento final da erva, cabe a ela apenas a tarefa de receber as folhas verdes, fazer o sapeco, triturar e encaminha-las a uma outra indústria de maior porte, localizada na região.

FOTO 08 – Equipamento industrial de secagem da folha verde na *Indústria Glória*. As folhas caem pela esteira acima e saem do outro lado do tubo.



Fonte: Acervo do autor, 2006.

Neste caso, a indústria a que a *Glória* envia grande parte da sua produção é a *Baldo*; uma ervateira de grande porte que tem uma planta no município de São Mateus do Sul (cidade vizinha à Rebouças). A produção da *Baldo* é destinada quase que exclusivamente ao mercado uruguaio, apenas uma parte de seus produtos atendem o mercado interno.

A *Baldo* não só compra o mate cancheado da *Glória* como também envia seus atravessadores para obter a folha verde nos ervais das comunidades existentes na região - inclusive no Faxinal *Marmeleiro de Cima*, objeto deste estudo. Não existe um contrato entre a *Baldo* e os faxinalenses que os mantenha presos a ela. Porém, o que acontece é que antes de serem

enviados os atravessadores para a poda, seus técnicos se dirigem aos ervais para averiguarem se eles atendem aos parâmetros mínimos de qualidade. Uma vez aptos, os atravessadores passam a negociar o preço com os faxinalenses. Neste ano de 2006, devido ao baixo preço da soja no mercado, o preço da folha verde encontrava-se em alta, sendo vendida a 30 centavos o quilo.

Na região encontram-se também outras indústrias ervateiras, como a *Mate Laranjeiras*, localizada no município de Irati e a *Cia. Matte Leão Jr.* em Fernandes Pinheiro. Ambas indústrias são representadas por empresas de grande porte que possuem instalações industriais também em outros municípios do Estado. De acordo com entrevistas realizadas nestas empresas, o processo de aquisição da matéria-prima acontece não muito diferente do que explicitado anteriormente.

No caso da *Mate Laranjeiras* existe uma seleção quanto as folhas recebidas, em que as provenientes de ervais nativos são separadas das de ervais plantados. A empresa também recebe as folhas dos atravessadores, porém estes não são diretamente ligados a ela, podendo variar conforme o período. A função da fábrica de Irati é de fazer a secagem e o beneficiamento primário. Depois da folha cancheada, ela segue para outra fábrica da mesma empresa localizada no município de Cascavel, no Oeste do Estado. Além do mate para chimarrão, a *Mate Laranjeiras* também beneficia outras ervas para infusão.

A *Cia. Matte Leão Jr.* possui duas fazendas de erva-mate plantada: uma em São Mateus do Sul e outra em Fernandes Pinheiro, junto a uma de suas fábricas. Em Fernandes Pinheiro é produzido o mate para chimarrão tipo exportação. Este produto possui cinco variações que dão origem a cinco marcas diferentes de mate destinados ao mercado argentino e uruguaio. Apenas uma marca é destinada ao mercado brasileiro. A unidade de Fernandes Pinheiro é

também dedicada à moagem da erva para chá, que é acondicionado em saches e embalado em suas instalações em Curitiba, e a produção de extrato utilizado para fazer o *mate gelado*, que é diluído e embalado nas instalações do Rio de Janeiro.

Por possuir duas fazendas, a *Cia. Matte Leão Jr.* não depende muito da compra da folha verde, possuindo como fornecedor alguns poucos atravessadores que atuam localmente no município de São João do Triunfo, vizinho a Fernandes Pinheiro.

Existem atualmente nos Faxinais *Marmeleiro de Cima* e *Marmeleiro de Baixo* aproximadamente 46 e 225 famílias respectivamente (MARQUES, 2004 p. 10). Além da produção para consumo próprio, estas famílias plantam feijão e milho para o mercado local. Ambas comunidades organizam-se em torno de uma associação que possui um galpão onde os produtos são armazenados. A associação possui também um caminhão e um classificador de feijão. Com a finalidade de diferenciar o produto no mercado por ser produzido dentro de um sistema ecológico, a associação criou uma marca chamada *Alimento Sagrado*.

Quanto a produção da erva-mate foram entrevistadas 12 (doze) famílias que possuem erva-mate em suas propriedades em ambos Faxinais. Desse total, constatou-se que apenas uma ainda faz a poda e o cancheamento, levando a erva triturada para Rebouças. As demais apenas combinam a poda com os atravessadores e recebem uma determinada quantia em dinheiro. O atravessador é um representante direto da *Baldo*, que compra a erva dos produtores, pagava os *tarefeiros* (que fazem a poda) e a leva em caminhão próprio para a fábrica. Em média cada família consegue *produzir* aproximadamente 1.200 quilos de folha verde a cada três anos.

A atividade que envolve a produção da erva-mate, demonstrada aqui de forma sucinta, engloba relações sociais de produção distintas em que muitas vezes seus limites espaciais de

abrangência são vencidos, o que leva, assim, a formações territoriais complexas. Essas formações territoriais, por sua vez, passam a compor em um mesmo espaço diferentes relações de produção que se entrelaçam dentro de um único processo produtivo e que tem seu movimento histórico regido pelo modo de produção capitalista.

6. Considerações Finais

Essa relação entre a indústria e os camponeses sempre existiu e não pode se vista como um fato recente, tampouco podemos enxergá-la como o confronto entre o novo e o velho. Pensar a relação sob o ponto de vista moderno x ultrapassado significa ignorar a evolução histórica de todo um sistema produtivo assentado em valores morais cujo ser humano é a razão primordial. Significa também se imbuir ideologicamente de uma visão economicista do mundo baseado na produção de mercadorias em que as coisas prevalecem sobre os seres.

As relações existentes dentro dos Faxinais encontram-se em um lento processo de dissolução ou de reestruturação. Os sinais deste processo aparecem, entre outros, no cercamento interno das propriedades nos *criadouros comunitário* e no avanço das grandes fazendas em terras dos Faxinais. A indústria do mate, que estende parte da sua linha de produção dentro dos criadouros comunitários, por meio de seus atravessadores, também contribue neste sentido. Porém, os faxinalenses ainda resistem se reproduzindo como camponeses através do seu trabalho, da sua forma de organização e da sua cultura.

7. Referências Bibliográficas

BOMBARDI, Larissa Mies. O Papel da Geografia Agrária no Debate Teórico Sobre os Conceitos de Campesinato e Agricultura Familiar. In: *GEOUSP – Espaço e Tempo*. São Paulo, n° 14, p. 107-117, 2003.

IANNI, Octávio. *As Metamorfoses do Escravo*. 2^a.ed. São Paulo, Curitiba: Hucitec, EDUFPR, 1988. 271p.

IPEA, IBGE, UNICAM, IPARDES. *Caracterização e tendências da rede urbana do Brasil: Redes Urbanas Regionais: Sul*. Brasília: IPEA, 2000. 206p.

LANGUE, Francisco L. P. *Iguaçu: um caminho pelo rio*. Curitiba: Lange, 2005. 200p.

MARQUES, Cláudio L. G. *Levantamento preliminar sobre o sistema faxinal no estado do Paraná*. Guarapuava: IAP, 2004. 192 f. (Relatório Técnico).

MARTINS, José de Souza. *O Cativo da Terra*. 6^a. ed. São Paulo: Hucitec, 1996. 157p.

MIRANDA, Nego; URBAN, Teresa. *Engenhos & Barbaquás*. Curitiba: Posigraf, 1998. 120p.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A Geografia Agrária e as Transformações Territoriais Recentes no Campo Brasileiro. In: CARLOS, A. F. A. (org.) *Novos Caminhos da Geografia*. São Paulo: Contexto, 1999. 204p.

¹ Os autores agradecem ao CNPq e a Fundação Araucária que os proveu de todas as condições necessárias para a realização do trabalho através auxílio financeiro e equipamentos.

² Aluno do Programa de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado em Gestão do Território – da UEPG (marcelosp83@hotmail.com), bolsista da CAPES.

³ Professora Doutora do Departamento de Geociências da UEPG (cicilian@uol.com.br), atua nos Programas de Pós-Graduação em Geografia da UEPG e UFPR.